


Debates em educação popular: afetos, experiências e (des)construções coletivas

Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinhaⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Raquel Carine de Moraes Martinsⁱⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O trabalho é parte de uma experiência educativa e formativa que ocorreu no ano de 2020, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Tratou-se do “I Ciclo de debates de Educação Popular: contribuições com a formação docente”, originado a partir da idealização de estudantes e professoras do curso da Pedagogia. A abordagem metodológica teve caráter qualitativo. Utilizou-se das transcrições das mesas de diálogo realizadas e da análise bibliográfica. O evento apontou o quanto se faz necessária a criação de espaços formativos para o debate de gênero, sexualidade e educação inclusiva. Nesse sentido, contribui-se com a formação docente inicial.

Palavras-chave: Educação popular. Formação. Construções coletivas.

Debates in popular education: affections, experiences and collective (dis)constructions

Abstract

The work is part of an educational and training experience that took place in 2020 at the State University of Ceará (UECE). It was the “I Cycle of Popular Education debates: contributions to teacher education”, which originated from the idealization of students and teachers of the Pedagogy course. The methodological approach had a qualitative character. Transcripts of the dialogue tables carried out and bibliographic analysis were used. The event pointed out how necessary it is to create training spaces for the debate on gender, sexuality and inclusive education. In this sense, it contributes to the initial teacher training.

Keywords: Popular education. Formation. Collective constructions.

1 Introdução

O “I Ciclo de debates de Educação Popular: contribuições com a formação docente” foi originado a partir da idealização de estudantes e professoras do curso da Pedagogia, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em agosto de 2020. Naquele momento, a Universidade estava tentando se organizar em seus tempos e espaços para repensar o início de um semestre letivo em meio a pandemia do

Coronavírus (mais conhecido como Sars-Cov-2 que ocasiona a Covid-19), que avançava no país e no mundo.

Foi nesse íterim que constituímos um grupo de trabalho para pensarmos coletivamente o evento. Estávamos distantes e apoiad@s no desejo de nos aproximarmos, estudantes e educadoras, mesmo através dos artefatos digitais, para debatermos temas que mereceriam maiores cuidados dentro do nosso curso, por consequência, na formação inicial docente, esse espaço democrático foi criando corpo. Com isso, constituiu-se como objetivo geral do relato proporcionar uma reflexão acerca das experiências formativas que realizamos durante o evento.

Para tanto, dado os limites do presente trabalho, delimitamos duas mesas de diálogo, a primeira abordou “Gênero, sexualidade e formação docente: refletindo o campo da educação popular” e a segunda tematizou “Educação Inclusiva e Educação Popular: diálogos possíveis e necessários”.

Em suma, realizaremos uma reflexão em torno das aprendizagens, afetos e construções coletivas, considerando o contexto de pandemia, ao longo das vivências. Concluindo com as considerações finais.

2 Metodologia

A metodologia contou com uma breve revisão de literatura, com destaque para os referenciais da educação popular, como a obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1996). Obra que privilegia o debate em relação à prática educativa docente.

O estudo teve caráter qualitativo que, de acordo com Minayo (2007, p. 21), “[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Com isso, levamos em conta uma abordagem descritiva e interpretativa com base nas experiências e aprendizados durante o “I Ciclo de debates de Educação Popular: contribuições com a formação docente”, analisando, sobretudo, as reflexões advindas das mesas de diálogos mencionadas na introdução.

3 Resultados e discussões

O curso de Pedagogia/Uece se destaca por sua luta histórica e sua resistência, tendo como sujeitos desse processo, tanto professor@s como estudantes, que sempre buscam melhores caminhos para alcançar com êxito uma formação que dialogue com múltiplas realidades e experiências que se apresentam no curso. Sabendo disso, sentimos a necessidade de dar visibilidade e debater conteúdos que ainda seguem a “passos de formigas” na formação inicial docente, tais como estruturas sexistas, homofobia, mulherismos, racismo, saúde mental, entre outros.

Nossa primeira mesa intitulada como “Gênero, sexualidade e formação docente”, aconteceu no dia 22 de setembro de 2020. Contou com a mediação de uma estudante do curso de Pedagogia, mulher negra e ativista. Para o momento de acolhida, a discente nos apresentou um estudante do curso de Ciências Sociais da UECE, que trouxe toda a sua representatividade como homem trans. Fernando nos encantou com a sua contribuição artística, cantando a música “em cada canto de Minas”, da cantora Bruna Gavino¹.

Logo após o momento de abertura, recebemos uma professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda em educação, colunista do Nohs Somos, escritora e apresentadora no Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS). A docente começou a sua exposição se apresentando como travesti, negra, gorda e praticante do candomblé, ressaltando sua pesquisa em alguns feminismos, em especial, o transfeminismo, feminismo negro e decolonial, numa perspectiva interseccional. Nesse momento de aprendizagem coletiva, a educadora criticou a conduta de pessoas que não entendem (ou não querem entender) que vivemos numa estrutura racial. Enfatizou que atualmente existem diferentes possibilidades de manter-se informado e educado (a) para desconstruir-se de manifestações racistas, transfóbicas e preconceituosas. Contudo, a professora ressaltou que existem pessoas que deliberadamente fizeram “escolhas” excludentes e violentas.

¹Ao som do violão, entoou a letra ‘A minha força é a minha dor, em meu peito não há mais temor’, o que nos ressurgiu à dura realidade atual, atravessando um contexto de pandemia, sob o poder de um governo sem compromisso com o povo e suas diferenças culturais. Porém, com o amparo daquele@s que nos querem bem, e assim como nós, anseiam por dias melhores, nosso peito se esvazia do temor e abre espaço para sentimentos e atitudes esperançosas.

Diante dessa problemática social, entendemos a urgência de se debater sobre gênero e sexualidade, de compreender a necessidade das diferenças binárias ou não binárias, sobretudo, de aceitá-las. De acordo com Filho, Teixeira e Araújo (2021), a escola é um espaço privilegiado para mediar a compreensão das pessoas em torno das relações de gênero.

4

A professora do Piauí se referiu a Gilles Deleuze argumentando sobre as constantes mudanças das sociedades ao longo do tempo, esses movimentos exigem novas articulações de combates. Para ela, os nossos corpos apresentam um gênero a partir de uma produção discursiva, de artefatos culturais e da construção da corporalidade de um corpo vivente. Do mesmo modo, trouxe como base a filósofa Judith Butler, acerca dos atos performativos e a constituição de gênero, mencionando a noção de “interabilidade de gênero” que trata de um processo de aprendizagem do gênero que assumimos publicamente, que não é natural, é ensinado e construído, tendo o processo educativo um papel central.

Ao dar continuidade ao debate, a nossa segunda convidada foi uma estudante do curso de Pedagogia/UECE, mulher trans, ativista, negra, oriunda de escola pública. Criada no interior do Ceará, município de Cedro, foi vítima da pobreza, da falta de oportunidades, tendo o acesso à educação, por vezes, negado. A estudante relatou o doloroso percurso de sua história social até chegar no momento em que se reconhece no corpo e na identidade atual. Um ponto marcante da sua fala foi quando mencionou a primeira vez que usou uma saia, da sensação diferente e agradável da peça em seu corpo. Porém, um dia em casa, usando um pedaço de lençol velho para fazer uma saia, na máquina de sua avó, foi repreendida com uma surra.

Sua trajetória foi marcada por rejeições, agressões físicas e psicológicas, uma vida grifada por processos tortuosos. Outro relato relevante da estudante, foi quando ela denunciou a falta de acolhimento para as pessoas trans, pobres e negras:

Nós, pessoas trans, somos as únicas pessoas que não têm nenhum lugar para repousar a cabeça. A gente é expulsa da escola, da igreja, somos expulsas de casa, da sociedade. A gente é mal vista no supermercado, no ônibus, em todos os espaços (Relato da Estudante)

A humilhação diária e a recusa à cidadania são fatores recorrentes na vida das pessoas trans, ainda enfrentam uma cultura que acredita que o corpo do outro é uma materialidade pública, aberta para um entretenimento de puro horror, que escolhe que tipo de pessoa merece viver ou morrer.

O conhecimento democrático e o acesso para tod@s têm o papel de romper essa estrutura que alimenta o preconceito, o racismo, a transfobia e outras diversas formas de violências. Para Freire (1996, p. 36), “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”.

A estudante destaca que o seu entendimento acerca da construção de gênero se deu por meio de processos educativos. Com isso, apontou a relevância das condutas d@s educador@s nas escolas, onde, por vezes, ainda se configura como um espaço de opressão contra crianças trans. Diante disso, destacamos a importância desse tema no ciclo de debates na UECE, apontando para a necessidade de ampliar as reflexões com o objetivo de contribuir com a formação, tanto inicial como continuada.

Nossa segunda mesa abordou “Educação inclusiva e educação popular”, aconteceu no dia 29 de setembro de 2020, sendo mediada por uma integrante do Coletivo Paulo Freire, estudante do curso de Pedagogia/UECE. A estudante realizou uma contação da história “Nicola- A borboleta de uma asa só”, da escritora Mila Viegas. Leta é uma borboleta que nasceu com uma asa só, ela queria muito achar a flor sempre viva, mas só quem a via eram os bichos que sabiam voar, pois ela nascia bem no alto, e como Leta não tinha asas para voar, ela não conseguia alcançar. Porém, ela era muito esperta e nunca desistia. Certo dia, ela encontra uma outra borboleta, que também só tem uma asa, as duas resolvem se unir, para juntas, cada uma batendo com sua asa, chegar até o topo das árvores para ver a flor sempre viva. Essa história nos faz refletir sobre o capacitismo, como ainda somos desconhecedores e excludentes.

A primeira convidada da mesa era uma docente da UECE e coordenadora do grupo de estudos de “Educação especial na perspectiva inclusiva, aprendendo e compartilhando saber”. A professora começou a sua fala fazendo uma breve autodescrição de suas características físicas e do espaço no qual estava. Esse

primeiro momento da mesa, leva-nos a refletir que pensar em uma educação inclusiva é pensar no fortalecimento da democracia no Brasil e no mundo, independentemente de religião, predileções pessoais e/ou contexto cultural com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos.

De modo geral, pessoas com deficiência foram excluídas do contexto histórico-social desde o princípio da humanidade, perpassando pelo extermínio, alta assistência, patologização, argumenta da educadora. Nesse espaço de formação, é importante para tod@s a consciência da existência, através de múltiplas lutas, de documentos legais que embasam as políticas públicas, como a formação de professor@s. A docente citou documentos, como: Constituição da República Federativa do Brasil (1988); Política Educacional de Educação Especial (1994); Declaração de Salamanca (1994) e a Declaração da Guatemala (1999).

A segunda convidada também era professora da UECE, do curso de Pedagogia. Apoiada em uma reflexão a respeito da relação entre educação especial e educação popular, inter cruzando com a formação de professor@s, ressaltou a pauta que garante a todas as pessoas os mesmos direitos, entendendo que somos todos diferentes e que essas diferenças precisam ser respeitadas e devidamente protegidas.

A professora destacou as singularidades humanas, apontando a necessidade de pensarmos acerca da igualdade e da diferença. Todavia, ao nosso ver, apesar de sabermos e/ou identificarmos as diferenças que nos singularizam, em nossas abordagens, ainda sim, há prevalência em tratar o diferente como um estigma. Para ela, no geral, as escolas não têm feito o seu papel de acolher, de garantir que crianças com deficiências permaneçam dentro do espaço escolar. Por isso, a necessidade das lutas por uma educação inclusiva, que aceite todas as pessoas, em suas especificidades de aprendizagem.

4 Considerações finais

De maneira geral, como um primeiro ciclo de debates vinculado ao Núcleo de Educação Popular do curso de Pedagogia da UECE, foi possível verificarmos que @s participantes do evento se sentiram sensibilizad@s e inquiet@s com as questões colocadas pel@s palestrantes das mesas propostas. Contando com uma

ampla participação de estudantes e docentes, tanto na construção como no desenvolvimento do trabalho, contamos com um público atento e participativo.

Dos pontos destacados das mesas em estudo, há: homofobia, transfobia, racismo, gênero, formação docente, políticas públicas, movimentos sociais, direitos sociais, respeito, democracia, valorização docente e educação inclusiva. No tocante aos participantes, destacam-se: ausência de formação nas áreas, busca por maiores informações e conhecimentos, necessidade de construir mais espaços de reflexão, importância de se conhecer a legislação e as orientações teórico-metodológicas. Nesse sentido, consideramos que o evento, proporcionado pelo Núcleo de Educação Popular da UECE, uma ação fundamental em diálogo com saberes fundamentais à formação docente.

7

Referências

ARAÚJO FILHO, P. C. R. .; TEIXEIRA, M. N. .; ARAÚJO, H. de L. M. R. Dança, educação e gênero: concepções e reflexões nas relações escolares. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6551>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, métodos e criatividade. 26. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

ⁱ **Zélia Maria Lemos Andrade Sobrinha**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1695-9593>

Universidade Estadual do Cear

Estudante do curso de Pedagogia da UECE. Trabalha com educação infantil em uma escola privada de Fortaleza.

Contribuição de autoria: A autora organizou o texto, dando iniciativa a produção.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0405250450450744400>

E-mail: lia_maite@hotmail.com

ⁱⁱ **Raquel Carine Martins Beserra**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2949-713X>

Universidade Estadual do Ceará, Secretaria de Educação Municipal de Fortaleza

Professora substituta da Universidade Estadual do Ceará e professora efetiva da rede municipal de Fortaleza. Colaboradora do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Ceará.

Contribuição de autoria: A autora deu continuidade ao texto iniciado, finalizando e dialogando com as experiências e referenciais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0082246515932168>

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2021

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

E-mail: raquel.beserra@uece.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

SOBRINHA, Zélia Maria Lemos Andrade; BESERRA, Raquel Carine Martins. Debates em educação popular: afetos, experiências e (des) construções coletivas. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-8, 2021.